

A PSICOLOGIA EM KANT: DOS TEXTOS PRÉ-CRÍTICOS ATÉ A PRIMEIRA EDIÇÃO DA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*

André Renato de Oliveira¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é contextualizar a presença da psicologia em Kant, desde os textos denominados como pré-críticos até a primeira edição da *Crítica da razão pura*. Para tal, começaremos por analisar a presença da psicologia nos textos de 1.747 a 1.770. Num primeiro momento mostraremos que a psicologia está atrelada à relação alma e corpo, entendida como a ciência empírica do homem, porém sob uma perspectiva psicofísica. Posteriormente, nos anos 1.770, constata-se uma mudança da acepção kantiana a respeito da psicologia. Kant transportará a presença da psicologia da relação “alma e corpo” para a ligação entre “sensível e inteligível”, o que demonstraremos não significa necessariamente um rompimento com a psicologia. Por fim, já em meados de 1778- 1781, advogamos que a psicologia aparecerá com folego renovado, agora sobre a influência de J. N. Tetens, e terá uma nova finalidade, em especial na elaboração da *dedução transcendental das categorias* denominada por Kant como *subjetiva*. Reafirmo que o objetivo deste trabalho não é o de esgotar o tema psicologia em Kant, nem realizar um trabalho exegético em todos os textos kantianos onde há alguma menção sobre psicologia, mas sim em autenticar sua presença desde os primeiros escritos kantianos, sua continuidade e as nuances advindas desta até os anos de 1781.

Palavras-chave: Kant, psicologia, Crítica

Abstract: The aim of this paper is to contextualize the presence of psychology in Kant, from the texts called pre-criticism to the first edition of the Critique of Pure Reason. To do so, we will begin by analyzing the presence of psychology in the texts from 1747 to 1770. In a first moment we will show that psychology is linked to the relation soul and body and is understood as an empirical science of man, but under a psychophysical perspective. Later, in the 1770s, a change in the Kantian meaning of psychology is observed; Kant will transport the presence of psychology from the relation soul and body to the connection between sensible and intelligible, which we will show does not necessarily mean a break with psychology. Finally, already in the middle of 1778 - 1781, we advocate that psychology will appear with renewed vigor, now under the influence of J.N.Tetens and will have a new purpose, especially in the elaboration of the transcendental deduction of categories called by Kant as subjective. I reaffirm that the objective of this work is not to exhaust the theme of psychology in Kant, nor to perform an exegetical work in all Kantian texts where there is some mention of psychology, but to authenticate its presence since the first Kantian writings, its continuity and the nuances arising from it until 1781.

Keywords: Kant, psychology, Critique.

INTRODUÇÃO

Para demonstrar o que propomos nesta pesquisa começaremos por discorrer acerca das definições de psicologia, psicologia empírica e psicologia racional desenvolvida por Wolff. A

¹ Mestre em filosofia pela Unicamp doutor pela mesma instituição atualmente Pós-doutorando em filosofia pela UFSCar. Pesquisa filosofia kantiana e espiritualismo francês com ênfase na filosofia de Maine de Biran. E-mail: andrerpro@hotmail.com

psicologia para Wolff pode ser classificada como ciência, concepção que foi assimilada por Kant. Em seu *Discurso preliminar sobre a filosofia em geral*, de 1728, Wolff (WOLFF 1728/2006 p.113) defende num primeiro momento que a psicologia é a parte da filosofia que se ocuparia da alma, noutras palavras, para Wolff, ela é a ciência das coisas possíveis pela alma humana, definindo a psicologia enquanto uma parte da filosofia que não possui autonomia².

Mas se a psicologia fornece razão para as coisas possíveis através da alma, é necessário buscar pela veracidade de tal conhecimento, e tal garantia só poderia ser dada segundo Wolff (1728) partindo da experiência. É nesse ponto que o filósofo alemão entende haver a necessidade de dividir a psicologia em duas partes que são: a *empírica* e a racional. A partir de então, Wolff (1732) passa a defender que a psicologia deve ter status de disciplina específica a fim de investigar a experiência (psíquica). Tal tarefa é atribuída ao que Wolff chama de *psicologia empírica*, designando-a como a “ciência que estabelece através da experiência os princípios a partir dos quais pode ser fornecida a razão para o que ocorre na alma humana”³. Para retificar tal posição, citamos o texto do filósofo:

Assim torna-se evidente que a psicologia empírica corresponde à física experimental e, por conseguinte, à filosofia experimental. E é igualmente evidente que a psicologia empírica e física experimental quando tratadas à nossa maneira, não fazem parte da história. Visto que a psicologia empírica não só classifica o que é observado na alma, mas ainda forma a partir daí conceitos das faculdades e dos hábitos estabelecendo outros princípios e mais ela fornece até mesmo a razão para várias [coisas]. (WOLFF *Discurso preliminar ... pp.146-147*)

Ao diferenciar a psicologia empírica e delimitar seu campo de atuação, Wolff a separa do que havia anteriormente definido como psicologia em sentido geral. Agora, Wolff recoloca a questão nos seguintes moldes: se a psicologia era a “ciência que se ocupa com a alma”, ela também deve “fornecer a razão de tudo o que é possível na alma”. Esta última parte caberia segundo Wolff ao que ele chama de *psicologia racional*⁴. Retomando por um momento à citação acima, vemos que a psicologia empírica é a ciência experimental do homem, pois ela não apenas classifica o que é observado, mas, a partir do que é observado, infere no que ocorreria na alma, o que nos permitiria compreender as operações psíquicas através de regras.

² Cf. Saulo 2.012 p. 1.018

³ Cf. Saulo (2.012)

⁴ Na psicologia racional, derivamos *a priori*, o único conceito de alma humana todas as coisas que se observam a posteriori como pertencentes à alma humana e tudo o que é deduzido a partir de certas [coisas] observadas, na medida em que isso convêm ao filósofo (WOLFF *Discurso preliminar ... p. 147.*)

É exatamente esse o ponto no qual Wolff ancorará a necessidade de diferir a psicologia empírica da psicologia racional, pois é necessário conferir razão ao que ocorre na alma. A partir dessa diferenciação, Wolff pode alinhar a psicologia à física, visto que ambas possuem uma parte empírica e outra pura⁵.

Num primeiro momento entendemos que Kant manteve-se fiel à divisão da psicologia proposta por Wolff, considerando a psicologia empírica como uma ciência experimental do homem. Outro ponto a ser destacado é que, mesmo havendo a separação da psicologia empírica da psicologia racional, Wolff ainda as considera interdependentes, não há propriamente uma autonomia atribuída a cada uma delas. Este é o ponto a ser analisado em Kant: teria o filósofo de Königsberg acompanhado Wolff fielmente ou Kant considera a psicologia empírica e a psicologia racional como dois campos distintos de atuação? Que concepção de psicologia Kant seguirá e até que ponto o fará?

2.2 A psicologia empírica e racional nos textos de 1747 a 1770: A relação alma e corpo sob uma perspectiva psicofísica.

Desconsiderando a ordem cronológica da publicação dos escritos, começaremos nossa exposição pelo texto *Anúncio do programa de lições de Immanuel Kant para o semestre de inverno*, de 1765-1766. (KANT NEV AA02:309). O motivo é que nessa obra encontramos não só um primeiro indício claro do significado de psicologia para Kant, mas também os argumentos sobre a escolha do livro que irá guiá-lo na exposição desta ciência.

Escolhi o manual de A.G Baumgarten, principalmente pela riqueza e pela precisão de seu tipo de ensino. Por conseguinte, depois de uma pequena introdução, começo com a **psicologia empírica, que é, propriamente, a ciência empírica metafísica do homem***, pois no que diz respeito ao termo alma, não é ainda permitido afirmar nesta parte, que ele tenha uma. A segunda parte, que deve tratar em geral da natureza corporal retiro-a da parte principal da cosmologia, pois tratar-se a da matéria, parte essa que, não obstante, completarei por meio de alguns acrescento escritos. Porém, uma vez que na primeira ciência (a qual, em razão da analogia, será também acrescentada a Zoologia empírica, quer dizer a consideração dos animais) foi examinada toda a vida que cai sob os nossos sentidos, e na segunda, porém, todo o inanimado em geral, e porque todas as coisas do mundo podem ser subsumidas nestas duas classes, avanço para a ontologia, a saber, a ciência das propriedades gerais de todas as coisas, cuja conclusão contém a diferença

⁵ Não é nosso objetivo aqui problematizar a psicologia de Wolff, mas apenas apresentar sua definição. Para uma investigação mais detalhada indicamos o trabalho de Saulo, A. (2012), intitulado “O lugar de Christian Wolff na história da psicologia” (Univ. Psychol. Bogotá, Colombia V. 11 No. 3 PP. 1013-1024 jul-sep 2012)

entre o ser material e o ser espiritual, assim como a ligação ou separação de ambos e, por conseguinte, a **psicologia racional***. (KANT *NEV AA02:309*)⁶.

Mediante a citação vemos que Kant opta por iniciar sua exposição pela psicologia empírica, por se tratar de uma disciplina “aplicável à vida além de agradável aceção” e curiosamente tratará da psicologia racional apenas no final⁷. No entanto a disposição dos temas expostos por Kant difere do de Baumgarten. Constatamos que em sua *Metaphysica*, Baumgarten não começa pela psicologia empírica e sim pela ontologia, seguido da cosmologia e só por último aborda a psicologia empírica. O que consideramos relevante aqui é o fato de Kant tratar a psicologia racional separada da empírica, abordagem totalmente diferente da de Baumgarten, que as apresenta unidas. A posição de Kant no texto nos remete a duas perguntas: Porque Kant teria o cuidado de separar a psicologia empírica da psicologia racional? Trata-se apenas uma questão didática ou Kant toma uma posição e passa a questionar a interdependência que Wolff atribui a elas?⁸

Na tentativa de analisar melhor tais questões, proponho voltarmos nossa atenção à interação entre alma e corpo como aparece outrora em *História geral da natureza e teoria do céu*, de 1755. Na obra, Kant (KANT NTH AA02:356) argumenta que o corpo humano está organizado de tal maneira que lhe permita receber impressões e sentimentos provocados pelo mundo exterior, por outro lado ele destaca que sem o corpo a alma estaria impossibilitada de realizar suas operações, portanto há aí certamente uma interdependência. Cito Kant:

O homem tem sido criado para receber as impressões e sentimentos que o mundo deve despertar nele, por este corpo que é a parte visível de seu eu, e cuja matéria serve não somente ao espírito invisível que ocupa este corpo, de modo que ali se imprimam os primeiros conceitos dos objetos exteriores, mas é também indispensável na atividade interior da repetição, da ligação, enfim do pensamento (KANT AA 1:355)⁹.

⁶ Anuncio do programa de lições para o semestre de inverno de 1765-1766 Trad. Morujão, C., Pereira, A. e Dias, M. 2006, p.121.

*Grifo Nosso.

⁷ Anúncio do programa de lições de Immanuel Kant para o semestre de inverno de 1765-1766. Trad. Carlos Morujão, Américo Pereira e Monica Dias 2006 p.122-123 [KANT *NEV.AA02: 301-315*].

⁸... a psicologia deve tomar seus princípios da cosmologia e da ontologia, a alma possui a força de representar o universo através das mudanças que lhe chega pelos órgãos sensoriais, mas só se pode distinguir claramente essa força se tomarmos a noção de força partindo da ontologia e a doutrina geral do mundo da cosmologia (*WOLFF Discurso ... § 98*)

⁹ Usamos como referência a edição francesa (*Histoire Générale de la Nature et Théorie du ciel. Trad. Pierre Kerszberg, Anne-Marie Roviello e Jean Seidengart. Vrin 1984*) “L’homme a été crée pour recevoir les impressions et émotions que le monde doit éveiller en lui par ce corps qui est la partie visible de son être, et dont la matière sert non seulement à l’esprit invisible qui habite ce corps, pour que s’y imprimant es premiers concepts des objets extérieurs, mais est aussi indispensable dans l’activité intérieure de la répétition, de la liaison, bref de la pensée”.

A citação não só nos mostra claramente a pertinência do problema alma e corpo, mas contribui a esclarecer que Kant, neste momento, pensa a psicologia a partir da interdependência entre o corpo e a alma. É importante destacar ainda como a matéria é apontada como assistente e não como pressuposto fundamental.

Se compararmos as ideias apresentadas na *Teoria do Céu* com as apresentadas na obra *Pensamentos sobre a verdadeira evolução das forças vivas*, de 1747, observamos a clara exposição do problema. Naquela, Kant (KANT GSK AA01:18-19) busca explicar a origem das dificuldades que lhe decorreu a respeito da interação real entre alma e corpo e sua dependência da materialidade, dentro de um contexto psicofísico. Na última obra, Kant (KANT GSK AA01:357) defende uma dependência da matéria, pois de acordo com ele “é evidente que as forças da alma humana são limitadas e dificultadas pelos obstáculos de uma matéria grosseira a qual elas estão ligadas intimamente”. Nossa posição corrobora-se na sequência de *Pensamentos sobre a verdadeira evolução das forças vivas*. Aqui, Kant (KANT GSK AA01:21-22) defenderá a interação entre corpo e alma através do conceito de força, o que lhe propiciou ampliar a gama do conceito de força da física à psicologia. Atentemos às palavras de Kant.

É fácil entender a natureza da proposição paradoxal concernente à possibilidade da matéria, pela qual uma imaginação pode causar apenas movimentos, imprimindo certas representações e imagens na alma. Para a matéria que tem sido definida como movimentos e ações a tudo o que é especialmente conectado com ela, e conseqüentemente também na alma, ou seja, ela muda o estado interno da alma na medida em que relaciona este estado ao que é externo a ela. Assim, todo o estado interno da alma seria apenas alterado, conforme a somatória de todas as suas representações e conceitos, enquanto este estado interno fosse relacionado com o que é externo a ele, este atenderia pelo nome de *status repraesentativus universi*, e através da força que possui ao mesmo tempo movimento, é pela mudança de estado da matéria que a alma representa o mundo. Sob esta perspectiva, podemos entender o quanto a matéria pode imprimir representações na alma. (KANT GSK AA01:21-22)¹⁰.

(Cf. nota de rodapé) * “Il est établi à partir des fondements de la psychologie qu’em vertu de la constitution présent dans laquelle la création a rendu âme et corps dépendants l’un de l’autre, la première ne doit pas seulement recevoir tous les concepts de l’univers par la communauté et l’influence du second, mais que l’exercice de son pouvoir de penser lui-même dépend également de la constitution du corps, et qu’elle tire de son assistance la capacité nécessaire à cela.” (1984 p. 191).

¹⁰ “...Eben so leicht ist es auch die Art vom paradoxen Wenn man die Satze zu begreifen, wie es nämlich möglich sei: daß die Kraft der Materie, von der man doch in der Einbildung steht, daß Körper überhaupt sie nichts als nur

Está claro que as aparências externas do movimento (força essencial) requerem um saber metafísico que não está confinado ao movimento externo, mas sim à *vis activa interna*.¹¹ Nesse sentido, Kant (*KANT GSK AA01:19-21*) defende que “a ação recíproca entre a alma e o corpo é concebível se entendemos por força a capacidade de mudar o estado interno de outras substâncias e não uma faculdade motriz”¹². Em outras palavras, para explicar a interação entre a alma e corpo, Kant utiliza-se do conceito de força interna, o qual não é inferido da experiência, mas pressuposto como causa da interação, ou seja, sem a pressuposição de uma força interna atuante na alma e no corpo não haveria movimento da matéria. Assim, podemos afirmar que a força interna seria um conceito da psicologia racional. Por quê? Porque neste momento ele é causa da interação entre a alma e o corpo.

Quanto ao texto *Teoria do céu*, a interação entre a alma e corpo também é explicada a partir da constituição do último. O corpo é algo indispensável para a alma visto que sem ele a alma seria inconcebível. Para validar nosso argumento, citamos a seguinte passagem da obra:

É estabelecido a partir dos fundamentos da psicologia que em virtude da presente constituição cuja criação torna a alma e o corpo dependentes um do outro, a primeira não deve apenas receber todos os conceitos do universo por causa da relação e influência do corpo, o exercício de seu próprio poder de pensar depende igualmente da constituição do corpo e que ele tira de sua assistência a capacidade necessária a ele (*KANT NTH AA2:349*).

Bewegungen verursachen könne, der nur eine Seele gewisse Vorstellungen und Bilder eindrücke. Denn wirkende Kraft die Materie, welche in Bewegung gesetzt worden, wirkt nennt, so begreift in alles, was mit ihr dem Raum nach verbunden ist, man mithin auch in die Seele; das ist, sie verändert den leicht, wie die innern Zustand derselben, in so weit er sich auf das Materie die Äußere bezieht. Nun ist der ganze innerliche Zustand Seele zu gewissen der Seele nichts anders, als die Zusammenfassung aller Vorstellungen ihrer Vorstellungen und Begriffe, und in so weit dieser bestimmen innerliche Zustand sich auf das Äußerliche bezieht, heißt er der status könne.repräsentativus universi ; daher ändert die Materie vermittelst ihrer Kraft, die sie in der Bewegung hat, den Zustand der Seele, wodurch sie sich die Welt vorstellt. Auf diese Weise begreift man, wie sie der Seele Vorstellungen eindrücken könne.” (*GSK AA01 Seit.20-21. §6. Gedanken von der wahren Schätzung der lebendigen Kräfte und Beurtheilung der Beweise, deren sich Herr von Leibniz und andere Mechaniker in dieser Streitsache bedient haben, nebst einigen vorhergehenden Betrachtungen, welche die Kraft der Körper überhaupt betreffen*).

¹¹ O conceito de força (*Kraft*) foi largamente desenvolvido por Kant em vários escritos: *Principiorum Primorum Cognitionis Nova Dilucidatio* (*Nova explicação dos primeiros princípios do conhecimento metafísico, de 1.755*), *Versuch den Begriff der negativen Größen* (*Ensaio para introduzir em filosofia o conceito de grandezas negativas, de 1.763*) e *De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis* (*Acerca da forma e dos princípios do mundo sensível e do mundo inteligível, de 1.770*).

¹² No século XVIII, a respeito da dualidade das substâncias, a metafísica se dividia sob três opções teóricas: a harmonia pré-estabelecida, o sistema de influência física e o ocasionalismo. Apesar de Wolff favorecer a harmonia pré-estabelecida, nota-se, porém, que a escola wolffiana buscou o fundamento da metafísica num influxionismo, desenvolvendo uma teoria da causalidade entre substâncias.

A partir deste levantamento teórico, entendemos que em *Pensamentos...* Kant trata o corpo como organizado a partir do conceito de força – o qual não é inferido da experiência, mas sim tomado como pressuposto de condição da experiência. Advogamos, então, em favor de que nessa obra a relação corpo e alma é explicada sob o ponto de vista da psicologia racional. Ao contrário do que aconteceu na *Teoria do céu* – na qual a interação entre corpo e alma é examinada através da constituição do corpo –, pois o modo como a matéria se organiza favorece ou dificulta certas operações da alma. Em vista disso, atestamos que a relação corpo e alma nessa obra ocorreria por meio da observação, ou seja, através de elementos da psicologia empírica. Por fim, em resposta à aceção da interdependência ou não da psicologia empírica e psicologia racional, o que detectamos ao analisar tais textos kantianos é que o filósofo dá ênfase a elementos da psicologia racional em *Pensamentos* e a psicologia empírica em *Teoria do céu*. Desta forma, entendemos que há em tais escritos a elaboração de uma tentativa clara de separá-las e pensar campos distintos de atuação.

3.3. Os anos de 1763 -1770: Sobre a impossibilidade de sustentar a relação entre alma e corpo.

Os anos de 1762 até 1764 são decisivos para a evolução intelectual de Kant. Nessa etapa do período pré-crítico, vemos que Kant está mais voltado às questões sobre a veracidade da metafísica ou, em outras palavras, até que ponto a metafísica poderia prestar-lhe fundamentos sólidos. Destacaremos tal preocupação kantiana nos textos *O único argumento possível para a demonstração da existência de Deus* e *Estudo sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral*.¹³

¹³ Ainda no período de 1763, temos o texto *O único fundamento possível de uma demonstração da existência de Deus* – apontado por Cassirer como “situado numa base superior de reflexão e introspecção crítica, onde Kant não se contenta já em expor considerações e argumentos com vista ao objeto concreto que a estuda, mas ao mesmo tempo, investiga constantemente a origem lógica destes argumentos e considerações e o caráter específico da verdade que integram” (E. Cassirer Kant, vida y doctrina 1.974. p.83). O texto apresenta os resultados de uma análise da existência e a refutação das provas “clássicas” da existência de Deus. Kant entende que a existência não é um predicado ou uma determinação e que a existência é a posição absoluta de uma coisa, recusando que a existência fosse aquilo que falta a uma coisa para que esta seja plenamente determinada. Como a existência é uma posição absoluta e primeira, nunca poderá ser deduzida *a priori*. Assim, o argumento ontológico cartesiano seria refutado, pois se assenta na possibilidade de *dedução a priori* da existência. A. Philonenko (L’oeuvre de Kant Tomo. II p. 307) argumenta que há uma oposição ente uma crítica ontológica da ontologia em 1763 e uma crítica transcendental da ontologia em 1781. O argumento kantiano neste texto resume-se na seguinte ideia: a existência funda-se na possibilidade e esta na ausência de contradição. É impossível negar toda a possibilidade, pois tal negação infringiria o princípio da contradição. Negando a existência negariamos a possibilidade. Assim, seria impossível a não existência de coisa alguma. Invertendo, teremos a demonstração da necessidade da existência de algo, que, para Kant, é Deus. Assim, tal argumento é contrário à prova ontológica cartesiana. O argumento

Em *Estudo sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral*, Kant responderá à questão proposta pela *Academia das Ciências de Berlim* em 1763. A questão é: Quer-se saber se as verdades metafísicas em geral e se os primeiros princípios da *Theologia Naturalis* e da moral seriam capazes de obterem uma prova tão clara quanto aquelas que se obtém com as verdades geométricas. No caso de não serem capazes da mencionada prova, qual seria então a autêntica natureza da sua clareza, qual o grau em que podem ser traduzidos à anunciada certeza e se tal grau seria suficiente para uma completa persuasão¹⁴. Consideramos que essa obra é um dos primeiros trabalhos em que Kant (KANT UD AA02:299-300) expõe com clareza o que realmente busca desde o início: “farei com que esta memória contenha, exclusivamente, princípios seguros fundados na experiência”. No texto, Kant apresenta pela primeira vez, de maneira clara, suas reflexões a respeito da situação em que a metafísica se encontrava, a saber, como um navio à deriva.

Já em *Investigação sobre a clareza dos princípios da teologia natural e da moral*, publicado em 1764, é apresentada a ideia de que os elementos simples dos corpos ocupam o espaço por possuírem características de impenetrabilidade. Ao proferir tal afirmação, Kant mantém a posição adotada na *Monadologia* em relação à alma. Ela mantém seu caráter imaterial, mas possuiria uma natureza material semelhante aos elementos simples da matéria. Assim, Kant mantém a ideia da alma como substância simples e passaria a questionar a imaterialidade da alma proposta pelos racionalistas, inclusive Wolff.

Embora a indagação sobre a imaterialidade da alma já estivesse em pauta, será apenas em *Único argumento possível... (BDG)* que Kant apresentará claramente a sua crítica ao argumento ontológico wolffiano. Kant defende que o simples fato de afirmar que um conceito possui todos os atributos para sua existência não é suficiente para lhe conferir uma existência real¹⁵. Kant formulará a questão da seguinte maneira.

ontológico inverso de Kant prova apenas que Deus é o fundamento da possibilidade lógica. “Daí que Kant recorra ao argumento físico-teleológico e o reformule a fim de poder demonstrar que Deus é também fundamento do real e das suas leis. Kant parte agora do acordo, harmonia e unidade das essências das coisas reveladas pela experiência para o princípio supremo dessa unidade. Ora como a prova ontológica inversa provou que a existência absolutamente colocada é o fundamento da possibilidade interna das coisas, poder-se a concluir que o princípio supremo *a posteriori* é Deus.” (José Andrade e Alberto Reis *Textos pré-críticos* 1.983 pp.124-125). A respeito do texto *Estudo sobre a evidência...*, vale a ressalva, pois há nos títulos uma conotação semântica: prova e fundamento de demonstração, que possuem significados diferentes.

¹⁴ Apud. E. Cassirer *Kant, vida y doctrina* 1.974. p.83. [*Investigação sobre a clareza dos princípios da teologia natural e da moral* Trad. Carlos Morujao, Américo Pereira e Mônica Dias 2.006 p.8].

¹⁵ Para um conceito puro da razão, o de substância, por exemplo, a impenetrabilidade é um predicado muito próximo e para um conceito sensível ([como] a impenetrabilidade) o conceito puro de substância é muito amplo. No primeiro caso, onde deve se impelir a sensibilidade do sujeito, seja acrescentado ao predicado. O predicado é

Esta proposição parece estranha e paradoxal, porém, é sem qualquer dúvida certa. Considere qualquer o sujeito, por exemplo, Júlio César. Concebam todos os predicados que se podem pensar dele, sem omitir sequer o tempo e o espaço; poderão logo compreender que Júlio César pode existir com todas as suas determinações, mas também pode não existir. O ser, que deu a existência a este mundo e aos seus heróis, pode conhecer todos estes predicados, sem exclusão de nenhum, e considera sempre Júlio César como uma coisa meramente possível, que não existe senão pela sua decisão. (KANT BDG AA2:72)

É interessante observarmos que a crítica feita à ontologia wolffiana diz respeito a sua primazia, reforçando o que dissemos anteriormente sobre a questão lógica e sobre a dependência da matéria. Kant denuncia o que considera ser os “falsos problemas” da metafísica dogmática, que lhe permitiu colocar sob suspeita seu estatuto científico e que viria por terra na primeira *Crítica*. Toda a exposição até aqui serve ao propósito de destacar que é aqui o início da ruína da cientificidade que era atribuída à metafísica e, conseqüentemente, a psicologia também será abalada. Neste período, Kant se distancia da ideia psicofísica defendida anteriormente e começa a elaborar o problema da cientificidade da metafísica sob um patamar crítico.

Com o problema da metafísica em pauta, a relação alma e corpo também será colocada em xeque. Kant está convencido da esterilidade do problema (alma/corpo), como pode ser atestado nas correspondências com Mendelssohn e com Herz. Por exemplo, numa delas ele afirma: “ não tenho até aqui como responder filosoficamente à questão da união da alma com o corpo...”¹⁶. O problema segue sem solução e apenas em 1770 será novamente abordado. Agora, Kant afirma literalmente que a gênese do problema da alma e corpo dá-se pela confusão entre sensibilidade e intelecto:

Porém, por meio deste princípio bastardo todos os seres são submetidos, no seu existir, às condições do espaço e do tempo, mesmo que sejam conhecidos intelectualmente. A partir daí aventam-se ociosas questões acerca de lugares das substâncias imateriais (das quais, todavia, pelo mesmo motivo, não se dá qualquer intuição sensitiva, nem representação sob tal forma) no universo corpóreo, acerca da sede da alma e acerca de outras coisas deste gênero, e porque se misturam incorretamente os conhecimentos sensitivos com os

unívoco ou equívoco. No primeiro caso: uma coisa em geral, pensada pelo entendimento, se encontra sob as condições da sensibilidade, isto é, que é um fenômeno, no segundo caso: o fenômeno é um noumeno. Por exemplo; o mundo dos sentidos é um todo absoluto. O predicado deveria ser restringido; é um todo que pode ser determinado sensivelmente, ou mesmo cair na afeição do sujeito: o mundo (noumenal) é um todo a proposição: a alma é simples, é transcendente e devo dizer que eu, que penso a alma, seja alguma coisa simples ou que a alma é alguma coisa que não é divisível fisicamente. Em resumo um predicado intelectual não pode estar de acordo a um objeto como fenômeno enquanto é determinado sensivelmente. (KANT Refl.4.381. v¹? (p¹?) (φ¹?) AA17: 526-527).

¹⁶ KANT Br AA11:71

intelectuais, como se fosse os quadrados com os redondos... (KANT DI AA2:414)

A “nova fase” do pensamento kantiano centra-se agora sob dois aspectos de fato complementares. Primeiro, “um princípio ontológico isto é a determinação da autonomia da existência em relação à razão; e segundo um princípio metodológico, ou seja, se a existência não se reduz à razão (residindo nessa redução o erro do racionalismo), então a filosofia deve seguir o modelo da física e como ela partir dos dados da experiência interna*”¹⁷. Os dois aspectos permitem a Kant distinguir em 1770 a sensibilidade do entendimento e, em relação ao entendimento, distinguir o uso lógico do real.

Claramente a atenção de Kant está voltada a estabelecer a separação entre o mundo sensível e o inteligível, pois entende que cada um contém princípios próprios¹⁸. Por causa disso, há, então, uma investigação sobre o conhecimento sensível (*fenomênico*) e o conhecimento intelectual (*noumenico*). Em relação a tal separação, Kant (KANT DI AA2:392) diz: “Há em toda a representação sensível alguma coisa a que se chama matéria, a saber, a sensação, e uma outra coisa a que se pode chamar a forma, a saber, a configuração das coisas sensíveis, que varia atendendo a que a própria variedade das coisas que afetam os sentidos são coordenadas em virtude duma certa lei do espírito”. A sensação apenas forneceria a matéria do fenômeno, enquanto caberia ao entendimento conceder-lhes razão.

Isso nos aclara, de certa forma, as nuances que acometem a psicologia. Lembremos que num primeiro momento tratou-se do problema da força, ou seja, como a matéria pode produzir representações na alma (relação alma e corpo) – problema que seguiu dentro de um campo psicofísico –, até chegarmos à insuficiência em tratar a questão. Agora, temos a relação alma e corpo pensado sob a exegese do sensível e do intelectual. Haverá a partir de agora uma transformação e uma posição mais clara sobre campos distintos de atuação que deverão ser pensados em relação. Qual será, então, o papel da psicologia nessa nova etapa do pensamento kantiano?

4.4. O caminho da psicologia de 1770 até 1781: O encontro com a filosofia de Tetens.

¹⁷ Ver *Textos Pré-críticos* 1983 p.159 e *Philonenko Oeuvres Tomo I* p.52.

*[Grifo nosso] temos que ter em mente que o termo experiência interna (*innere Erfahrung*) é a experiência dos processos psíquicos enquanto que os fenômenos tem lugar no tempo. A experiência interior é “uma consciência imediata e evidente” (Eisler, Rudolf. *Kant-lexicon* 1994 p.382).

¹⁸ Cf *Linhares* (2.007 p.144)

A partir deste ponto avançaremos sob a continuidade do tema psicologia. Para tanto, examinaremos os textos de 1770 até 1781 (primeira edição da *Crítica*) a fim de evidenciar a presença da psicologia e como ela será tratada por Kant após o contato com a filosofia de Tetens. O período aqui abordado é usualmente classificado como “período silencioso”, porém não o consideramos assim, visto que Kant publicou vários textos, além de *Reflexões* e suas *Aulas (Vorlesungen)*, que poderiam contribuir para compreender a elaboração de sua primeira *Crítica* e as influências que seu autor recebeu.¹⁹

Admitimos que entre os anos de 1770 e 1777, Kant (KANT Refl.4.276 μ AA 17:492-493) já havia estabelecido a necessidade das categorias para pensar o objeto: “as categorias são as ações universais da razão pelas quais nós pensamos um objeto (*Gegenstand*) em geral: representações e fenômenos”²⁰. De acordo com Vleeschauer (VLEESCHAUWER, 1976, p. 288-289), Kant, em 1775, já apresenta as operações sistemáticas do criticismo que se

¹⁹ Recension von Moscati's Schrift Von dem körperlichen wesentlichen Unterschiede zwischen der Structur der Thiere und Menschen — A diferença essencial entre a estrutura dos animais e dos homens de 1771, Über die verschiedenen Racen der Menschen — Sobre as diferentes raças dos homens de 1775 e Aufsätze, das Philanthropin betreffend — Documentos, relativos a filantropia de 1776 a 1777. Esses pequenos textos podem ser classificados como antropológicos. O texto *A diferença essencial entre a estrutura dos animais e dos homens* trata de um relato de Kant sobre um discurso acadêmico pronunciado por Pierre Moscati [Pierre Moscati (1739-1824) ocupou a cadeira de anatomia em Pavia. Sua conferência *Delle corporee differenze essenziali che possano fra la struttura de' bruit, e la umana*, de 1770, foi traduzido para o alemão no ano seguinte sob o título *Von dem körperlichen wesentlichen Unterschied zwischen der Structur der Thiere und der Menschen, übersetzt von Johann Beckmann*]. O texto de Moscati consiste em afirmar que sob o ponto de vista da anatomia comparada, não há diferença essencial entre a estrutura do corpo humano com a dos animais quadrúpedes. A diferença seria apenas a posição, mas não a estrutura. O homem seria uma espécie de quadrúpede “revoltado” e tal posição bípede seria contra natureza, o que teria efeitos patológicos. Kant argumenta que interiormente o homem não é realmente diferente dos animais quadrúpedes, mas que basta o colocar de pé para que surja diferenças quanto às vísceras, às mulheres grávidas (posição do feto), à circulação do sangue e à questão de que entre os animais quadrúpedes não se encontre nenhum que não saiba nadar quando cai na água acidentalmente, diferentemente do homem que se não souber nadar morrerá afogado. Kant aponta outros exemplos contrários à posição de Moscati. No texto *Sobre as diferentes raças dos homens*, Kant apresenta um estudo sobre a classificação natural dos gêneros e espécies que repousam sobre uma lei comum de reprodução. A unidade dos gêneros não é nada além da unidade da força de reprodução. Seguindo a regra de Buffon (1707-1788), Kant argumentara no texto que, apesar das diferentes raças (branco, negro, mongol etc), fazemos parte de um mesmo gênero, o humano: “assim um asno e um cavalo pertencem a espécies diferentes, pois apesar de sua semelhança, sua relação seria estéril, as diversas raças humanas, mesmo dissemelhantes, são parte de uma mesma espécie e assim capazes de gerar descendentes” (Kant AAII 427-443). Por fim, temos o texto *Documentos relativos a filantropia*. Aqui, Kant faz referência à escola de Basedow, que obteve grande sucesso pedagógico aplicando uma pedagogia associada a um caráter moral. Kant demonstra a necessidade das escolas no desenvolvimento dos poderes individuais de cada um. Nesta breve explanação fica claro que tais textos não nos guiarão para o problema proposto. Faz-se, então, necessário buscarmos outras referências que encontraremos nas *Aulas (L₁ de 1770)* e nas *Reflexões*.

²⁰ Nossa referência cronológica respeita à proposta por E. Adickes em AK. XIV. XXXVI-XLIII. Citado também por P. Lachièze-Rey (Idealismo kantiano) pp.XI-XII: λ(fim de 1.769- 1.770), μ (1.770-1.771), ν (1.771), ξ (1.772), ο(após, ou mesmo período de ξ), π (entre ξ e ρ), ρ (1.773-1.775), σ (1.775-1.777), τ (1.775-1.776), υ e φ (1.776-1.778) χ (1.778-1.779). Entre estes períodos Adickes distingue subperíodos: υ1, υ2, υ3...

apresentarão na *Crítica*; e a investigação de Kant já estaria em torno da questão de possibilidade dos juízos sintéticos *a priori*. Curiosamente temos uma quantidade razoável de *Reflexões* que datam de 1775 até 1780, em especial as de 1778 até 1780, quando Kant apresenta vários indícios de seu caminho metodológico, o que corrobora a posição do comentador. É notório ainda o fato de encontrarmos algumas *Reflexões* desse período que apontam para um âmbito de investigação psicológica – posição que também será enfatizada na *Crítica* e presente numa dedução denominada por Kant como “subjetiva”, que dividirá espaço na obra com outra denominada “objetiva”. Essa “preocupação” kantiana, bem como a presença de tal “dualidade” *subjetiva/objetiva*, pode ser atestada nas *Reflexões* 4.672, 4.673, 4.758, 4.759, 4.851, 4.873, 4.880, 4.882, 4.897, 4.934, 4.946, 4.951, 5.013 e, em especial, a 5.015 e 5.653.

Apesar da questão da relação entre *objetivo* e *subjetivo* já ser apresentada por Kant (*KANT DI AA2:399-400*) desde a *Dissertação* sob o pressuposto de *condição de(representação)*, ou seja, há uma necessidade de “leis” internas e externas do espaço e tempo; é na carta a Herz, de 21 de fevereiro de 1772, que Kant (*KANT Brief AA10:69*) apresenta o novo problema ao confessar que “[...] observo que me falta ainda algo de essencial a que eu não tenho dado a devida atenção durante minhas longas pesquisas metafísicas, e que constitui a chave de todo o mistério: sobre qual fundamento repousa a relação do objeto do que chamamos em nós representação?”. A “chave de todo mistério” parece ser o problema da ambiguidade do objeto. Contudo, Kant não apresenta uma solução na carta ao problema, apontando apenas para sua negligência na *Dissertação de 1770*.

Percebe-se a clara mudança de foco: agora, decididamente, o problema é o da objetividade das representações, como atingi-la e diferenciá-la. Se em 1772 Kant não parece ainda distinguir razão de entendimento e sequer discute amplamente a relação entre seu uso lógico e/ou real; agora ele limita-se a tratar o conhecimento *a priori* do objeto e problematiza seu uso lógico²¹. Acerca dessa problemática, pode-se ver na citação abaixo onde destaca-se a mudança de posição de Kant.

A primeira questão é saber como podem nascer em nós conceitos que não conhecemos nem através dos fenômenos das coisas nem por meio do que nos ensina a experiência. (*KANT Refl.4470 AA18:ξ-o S. 563*)²². A questão é saber como

²¹ Ver Orlando Bruno Linhares: *O silêncio de Kant: esboço da analítica transcendental na década de 1.770. Kant-e-prints 2.010 pp.14-35* e THEIS, R. *Le Silence de Kant. Etude sur l'évolution de la pensée kantienne entre 1.770 et 1.781. In: Revue de métaphysique et morale, 1.982. pp. 209-239.*

²² “Die erste Frage ist: wie in uns Begriffe entstehen können von Dingen, die uns durch keine Erscheinung der Dinge selbst bekannt geworden, oder Sätze, die uns keine Erfahrung gelehrt hat.”(*KANT Refl.4.470 AA18: ξ-o S. 563*).

podemos nos representar plenamente a priori, ou seja, independentemente de toda experiência (mesmo implícito) e como nós podemos captar os princípios que não são empregados a nenhuma experiência, seguindo a priori, como é possível que os objetos correspondam ao que é simplesmente um produto de nosso espírito que se isola e que estes objetos sejam submetidos às leis que nós lhes prescrevemos. Que estes conhecimentos a priori existem a matemática e a metafísica mostra: que uma representação corresponda ao objeto cujo ela é o efeito, mas que algo que não tenha outra origem a não ser o meu cérebro relacione a um objeto, não me é claro. Um objeto que exerce uma impressão sobre mim esteja ligado a um outro objeto, por conseguinte nós ligamos uma representação à outra, após a experiência, é algo simples de entender. Mas é difícil conceber porque podemos ligar nós mesmos propriedades e predicados aos objetos representados, muito embora nenhuma experiência não nos tenha jamais sido apresentada ligada. [...] os conhecimentos da experiência não se reduzem a simples impressões. Para que as impressões possam nascer se faz necessário que pensemos alguma coisa oportuna. É necessário, pois que haja atos do conhecimento que precedem a experiência, através dos quais a experiência seja possível. [...] certos julgamentos universais devem, pois se encontrar antes de toda experiência. (KANT Refl.4.473 AA 18 § 564-565)²³.

Nota-se nessa *Reflexão* o germen do problema central da *Crítica da razão pura*. Apesar de Kant não propor ali uma solução e apenas indicar o problema, sabemos que a problemática será amplamente discutida na *Dedução transcendental das categorias* na *Crítica*.

Kant (KANT Refl.4.634 AA17:o S.616-619) afirma que nós não conhecemos um objeto a não ser através dos predicados que atribuímos a ele por palavras ou pensamentos²⁴. Os objetos não seriam nada além de alguma coisa em geral que pensamos através de certos predicados, formando seu conceito. Assim, haveria em todo julgamento uma comparação entre dois predicados: “um deles, formaria o conhecimento dado do objeto, chamado sujeito lógico,

²³ Es ist die Frage, wie wir Dinge vollog a priori, d.i. unabhängig von aller Erfahrung (auch implicite) uns vorstellen können und wie wir Grundsätze, die aus keiner Erfahrung entlehnt sind, folglich a priori fassen können; wie es möglich s zugehe, daß demjenigen, was bloß ein Produkt unseres sich isolirenden Gemüths ist, Gegenstände correspondiren und diese Gegenstände denen Gesetzen unterworfen sind, die wir ihnen Vorschreiben es dergleichen Erkenntnisse a priori gebe, lehren die reine Mathematik, und Metaphysik; aber es ist eine untersuchung von Wichtigkeit, den grund ihrer Möglichkeit einzusehen. Daß eine Vorstellung, welche selbst eine Wirkung des objects ist, ihm correspondiere, ist wohl zu fassen. Daß aber etwas, was bloß eine geburth meines gehirns ist, sich auf ein object als Vorstellung beziehe, ist nicht so klar. Ferner, daß mit einem von Gegenständen in mir herrührenden Eindruck noch anderer verbunden sei, folglich Wir eine Vorstellung mit der andern der Erfahrung gemäß verknüpfen, ist auch faßlich. Daß wir aber aus uns selbst* mit Vorstellungen andere verknüpfen können so den vorgestellten Gegenständen Eigenschaften und prädicat (g göltig) verknüpfen können obgleich keine Erfahrung uns solche verknüpft gewiesen hat, ist schwer einzusehen Zu sagen, daß ein höheres Wesen in uns schon solche Begriffe und Grundsätze weislich gelegt habe, heißt alle philosophie zu Grunde richten. Es muß in der Natur der Erkenntnisse überhaupt gesucht werden, wie eine Beziehung und verknüpfung Möglich sei, wo dich nur eines von den relatis gegeben ist. Erfahrungserkenntnisse sind nicht bloße Eindrücke. Wir müssen selbst etwas bei den Eindrücken denken, damit solche entstehen. Also müssen doch handlungen der Erkenntnis sein, die vor der Erfahrung vorausgehe und wodurch dieselbe möglich ist. Eben so geben die Erfahrungen niemals warhaftig allgemeine Erkenntnisse, weil ihnen die Nothwendigkeit fehlt. Nun braucht doch die Vernunft zum gewissen Erkenntnisse allgemeine Sätze. Also müssen gewisse allgemeine Urtheile noch vor der Erfahrung in ihr liegen”. (KANT Refl.4.473 AA 18 § S. 564-565). [*transcrevemos na íntegra*].

²⁴ “Vorher ist das, was von Vorstellungen in uns angetroffen wird, nur zu Materialien, aber nicht zum Erkenntnis zu zählen...” (KANT Refl.4634 AA17: o S. 616-619).

e o outro pelo qual o objeto é comparado, chamado de predicado lógico”²⁵. Em outra *Reflexão* desse período, Kant mantém a questão, porém de forma mais delimitada, ressaltando de que maneira se formam os juízos sintéticos e analíticos.

Todos os julgamentos analíticos podem ser conhecidos *a priori*, e os *sintéticos* conhecidos *a posteriori*. E porque os julgamentos propriamente empíricos seriam *sintéticos*. Mas há, portanto, julgamentos cuja validade parece ser estabelecida *a priori*, mesmo quando são *sintéticos*, por exemplo, que tudo o que muda tem uma causa. Como se formam estes julgamentos? Como fazemos para associar ao conceito de um objeto a outro conceito que não mostre nenhuma observação nem nenhuma experiência? [...] temos por consequência dos julgamentos *a posteriori* que são sintéticos, mas também julgamentos *a priori* que são, portanto, *sintéticos*, mas que não podem ser derivados de nenhuma experiência uma vez que comportam uma universalidade verdadeira, uma necessidade pois, tanto quanto a característica de simples conceito que não pode ter sido criado a partir da experiência. A questão da origem destes conceitos em nós não nos interessa. Como nós os ligamos? É graças a uma revelação, ou trata-se de um pré-julgamento? [...] há, pois em toda experiência algo pelo qual um objeto nos é dado e algo pelo qual é pensado. (KANT Refl.4634 AA17: o S. 616-619).

No entanto Kant percebe que os sentidos não possuem a capacidade de organizar os fenômenos, visto que se trata de uma função do entendimento. Embora, já em 1772, Kant apresentasse de forma literal a questão sobre os juízos sintéticos *a priori*, apontando para a possibilidade de julgamentos *a priori* sintéticos, ele não demonstra nenhuma solução; o que Kant faz é apontar para a relação entre sensibilidade e entendimento a fim de constituir o nosso conhecimento e que a mente deve não apenas ser capaz de receber os objetos externos, mas também de coordená-los e dar-lhes inteligibilidade, unificando os elementos dos sentidos. Para elucidar de que maneira operaria a sensibilidade, Kant escreve o seguinte:

Isto pelo qual um objeto (da experiência) nos é dado chama-se fenômeno. O que dá parte do espírito humano possível os fenômenos denominam-se sensibilidade. Há uma matéria na sensibilidade, que se chama sensação (*Empfindung*) e em relação às sensações e à sua diversidade nós somos puramente passivos e o diverso das impressões faz com que nós não encontremos em nós próprios nada *a priori*. (...) Mas os fenômenos têm também uma forma um fundamento que se encontra em nosso sujeito [*Subjekt*], pelo qual nós ou ordenamos as impressões ou o que lhes correspondem e damos um lugar a cada uma de suas partes. Esta pode ser uma atividade [*Tätigkeit*] provocada pelas impressões, mas que pode por si mesma ser conhecida. (KANT Refl.4634 AA17: o S. 616-619)²⁶.

²⁵ “die wir mit einander vergleichen. das eine, wodurch uns der welches die gegebene Erkenntnis des Gegenstandes ausmacht, das logische subject, das zweite, welches damit verglichen wird, das logische praedicat heißt.” (KANT .4.634 AA17: o S. 616-619).

²⁶ “Die Möglichkeit der Erscheinungen ist von der seite des Menschlichen Gemüths sinnlichkeit. In der Sinnlichkeit ist eine Materie, welche Empfindung heißt, und in ansehung deren und ihrer Verschiedenheit sind wir

Nessa citação, Kant sustenta que há no espírito uma capacidade de organização da experiência sensível, fato que pode ser observado também na *Reflexão 4.673*. Kant (KANT Refl.4.673 AA17: ρ S. 636-642.) defende que “o tempo é uno (*einig*), o que significa que eu não posso intuir os objetos a não ser em mim mesmo e as representações que se encontram em meu sujeito uno (*einigen*)”. Kant sistematiza as propriedades da intuição pura e, assim, ele não deseja mais simplesmente descrever as propriedades do fato das intuições puras – espaço e tempo –, mas sim sistematizá-los e derivar sua adesão do sujeito cognoscente²⁷. Tal fato é notório pois constituirá um progresso significativo em relação à *Dissertação*. Lembremos que, na *Dissertação*, o pensamento da necessidade das representações de tempo e de espaço está presente e que o tempo é o fundamento da intuição em geral. No entanto, nessa obra, ainda não temos o elemento de ligação entre o sensível e o inteligível sem o qual nosso conhecimento se reduz a uma sucessão de representações incapazes de unir-se numa unidade objetiva. O que Kant faz para solucionar este impasse é apresentar uma novidade na constituição do objeto. A novidade seria a ideia do *transcendental*, que operaria na síntese da constituição representativa do objeto. Essa síntese, apresentada em 1781, possui um viés subjetivo e um objetivo e será aqui que alicerçaremos nossa concepção de uma nova acepção da psicologia por Kant.

Ao alinharmos essas *Reflexões* com a *Dissertação de 1770*, aclara-se, de certa forma, a importância atribuída por Kant à investigação psicológica das faculdades da alma, mesmo no momento em que o seu método transcendental já estaria se solidificando. Evidencia-se, ainda, a necessidade de relação entre o sensível e o inteligível, contudo tal ligação ocorreria, em 1781, através de uma atividade do espírito denominada de *faculdade imaginativa produtiva/reprodutiva*, responsável por articular através de uma síntese transcendental *a priori* sensibilidade e entendimento²⁸. Assim, se na *Dissertação* o sensível/inteligível possuía certa

blos leidend, und die mannigfaltigkeit der Eindrücke macht, daß wir a priori nichts in uns finden, was wir vor den Eindrücken aus uns *a priori* kenneten. Man sich keinen neuen Eindruck von einer neuen art niemals in Gedankenvorstellen. Aber die Erscheinungen haben auch eine Form, einen in unserm Subjekt liegenden Grund, wodurch wir entweder die Eindrücke selbst oder das, was ihnen correspondirt, ordnen und iedem theile derselbenseine stelle geben. Dieses ist kann nichts anderes als eine Thatigkeit sein, die zwar natürlich durch die Eindrücke erregt wird, aber doch vor sich selbst erkannt werden kan. (KANT Refl. 4.634 AA17: o S. 616-619).

²⁷ Ver: Graubner, Hans. *Form und Wesen* 1972 p. 106.

²⁸ Entendemos que o conceito de transcendental é considerado uma novidade devido à maneira de sua aplicabilidade por Kant, porém o conceito de transcendental já fora cunhado por Arnould Geulincx em 1653. Ver: *Les sources de la pensée d'Arnold Geulincx*, H. J. Vleeschauwer Kant-Studien 69 (1-4):378-402 (1978) e *Les antedecants du transcendentalisme. Geulincx et Kant*. H. J. de Vleeschauwer - 1953 - Kant-Studien 45 (1-4):245-273

autonomia, agora apresenta-se uma preocupação em estabelecer sua articulação, solução que viria apenas com a *Crítica*. Advogamos aqui que o problema da relação alma e corpo passa a ser transposto para a esfera sensível/inteligível. E a psicologia?

Para melhor analisar a questão, é imprescindível destacar aqui a preocupação de Kant com a investigação das faculdades da alma na tentativa de encontrar uma forma para relacionar sensibilidade e entendimento – o que por si já caracterizaria nesse momento a investigação psicológica. Mas, ao tomar contato com obra de Tetens (*Versuche*), que aponta diretamente para uma investigação psicológica das faculdades da alma e aponta para uma resolução psicológica do problema semelhante ao seu, Kant percebe que não é possível ignorar a investigação psicológica das faculdades da alma ou simplesmente eliminá-la do contexto de sua *dedução transcendental das categorias*.

Dito isso, defendemos que no período entre 1778 e 1780, ocorreria uma modificação, ou melhor, uma reorganização no pensamento kantiano envolto pela influência do método psicológico de Tetens²⁹. Esse método inovador chama a atenção de Kant e o faz repensar sua *dedução*. Mas, o que Tetens teria de tão inovador? Podemos destacar que Tetens (1777) propõe um avanço na investigação da alma por meio de uma psicologia, contudo desde uma nova concepção de psicologia que se ocuparia da origem dos nossos primeiros conceitos e da constituição por meio das representações subjetivas de um conhecimento objetivo – uma análise introspectiva da alma para então fundamentar a universalidade do conhecimento. Esse método analítico de observação fundado na experiência o diferenciaria das concepções de psicologia wolffiana. Ora, lembremos que Kant está pensando a psicologia (empírica e racional) em seus respectivos campos, além do mais, até o momento, a psicologia da “velha escola” não lhe concedera avanço algum.

Admitimos que essa nova proposta atribuída à psicologia por Tetens (1777) – na qual se toma as modificações da alma como sensações de si baseadas na própria experiência, transpondo a doutrina psicológica “da velha escola” (Wolff/Baumgarten) – atrai a atenção de Kant, mas há ainda outro ponto fundamental sobre essa influência. *Versuche* foi publicado em 1777, ou seja, quase cinco anos antes da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* e, em seu

²⁹ Temos uma Reflexão bastante elucidativa a este respeito: *Refl. 4.847 AA17: v χ S. 6*. “In Kants Handexemplar von J. N. Tetens: Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung Bd. I (Leipzig 1.777) S. 19 Rand rechts Zusatz zu Search“ Z 2 v. o.:”[Cópia pessoal de Kant do Trabalho de Tetens].

texto, Tetens aponta para a possibilidade de pensarmos uma síntese que articularia as representações.

Sumariamente, a originalidade de Tetens (1777) está em desenvolver uma nova filosofia da subjetividade, a qual é entendida enquanto leis sob as quais o intelecto estaria submetido e suas faculdades correlatas. Conforme destacado por Puech, Tetens buscava um saber geral dos fundamentos (*allgemeine Grundwissenschaft*) ou filosofia geral transcendental. Esta *Grundwissenschaft* ou filosofia transcendente é para Tetens o saber dos princípios mais elevados dos seres corpóreos e dos objetos imateriais: “ele não tem nada a fazer com os objetos que existam efetivamente e não se ocupam a não ser do que é possível ou necessário em todos os modos de coisas”. Estes princípios mais elevados, que oferecem um conhecimento da possibilidade e da necessidade, seriam princípios a priori, pois tais princípios primeiros (de *tels principes premiers*) são indemonstráveis, eles não têm sua origem na experiência nem numa demonstração racional. Tetens tenta demonstrar mais claramente como estes princípios primeiros determinam a forma de todo conhecimento possível sem determinar seu conteúdo. Para Puech, o reconhecimento de princípios puramente formais que determinam universalmente e necessariamente a forma da consciência é chamado de filosofia geral transcendental, uma vez que instaura uma verdadeira lógica transcendental. Em 1777 (*Versuche*), Tetens oferece uma tábua das formas dos julgamentos, dos mais gerais aos mais simples. Essa tábua projeta a forma de uma lógica transcendental que retoma a lógica predicativa clássica e expande-se a uma lógica do real (isto é, da parte pura de nosso conhecimento do real) em relação as noções causais. Tal quadro é fornecido por uma psicologia que muda o foco (*qui met l’accent non plus*) não da origem do sensível do conteúdo, de nossas representações, mas sobre a origem pura de sua forma. Tetens vai mais além de uma lógica transcendental através de sua teoria da *Realização (Realisierung)* dos conceitos puros, que coloca, antes da *Crítica (KrV)*, o problema da *Dedução transcendental*, ou seja: como as representações puras subjetivas podem elas constituir um conhecimento objetivo sobre real? (PUECH Kant et la causalité 1.990 pp.209-210 [Apud *Versuche* 1.777 Tetens])

Tetens define a subjetividade como a investigação das leis sob as quais o intelecto estaria submetido, ou seja, como ocorreriam as ligações representativas no intelecto. Kant admite essa concepção de subjetividade proposta por Tetens e, conseqüentemente, assume sua posição a respeito do alcance da psicologia. Tal influência que pode ser observada na *Reflexão* 4.865:

A metafísica não é o organon, mas o Canon da razão. Ela não funda uma doutrina, mas uma disciplina; ela não é um conhecimento dogmático, mas crítico; ela não é [por finalidade] acrescentar nossos conhecimentos, mas de nos privar do erro; ela não é um

conhecimento do objeto, mas um conhecimento das regras do sujeito; ela não é a origem da religião, mas sua fortificação; ela não tem um uso objetivo, mas subjetivo. (KANT Refl. 4.865 AA17: ϕ 2 S. 14)³⁰.

Essa *Reflexão* evidencia como Kant enfatiza a metafísica enquanto justificativa da própria razão, ou seja, de que modo ela operaria e como ela estaria atrelada às leis sob as quais o entendimento estaria submetido, considerando sua investigação subjetiva e aproximando-o da posição de Tetens.

Isso posto, sustentamos que em 1781 a psicologia não só está presente no cenário kantiano como torna-se imprescindível a ele para pensar a *dedução subjetiva*, fazendo-se claramente presente no exame da “possibilidade de articular e investigar as faculdades cognitivas sob as quais se assentam o entendimento puro [subjetivamente]... (KANT, KrV A.XVII)”. Outra prova comprobatória da pertinência da “filosofia psicológica” de Tetens sobre Kant é o uso de elementos psicológicos advindos diretamente da filosofia de Tetens (1777) articulados na construção de sua síntese³¹.

Desta forma, concluímos que Kant, desde os anos de 1765, investiga a distinção entre psicologia empírica e racional, embora ela estivesse ora relacionada com força na relação alma e corpo, ora pensada no campo sensível/inteligível. Entendemos, por fim, que embora Kant parece inicialmente ter acatado a posição de Wolff quanto à interdependência da psicologia empírica e racional, sua investigação versa desde os primórdios sobre tais campos. No entanto só podemos ver com asseveração a prova comprobatória dessa posição nas páginas finais da *Crítica*, onde Kant (KANT KrV A848/B876) literalmente diz que a “psicologia empírica deve ser banida da metafísica, mas adia a sentença até que lhe seja possível estabelecer uma morada própria numa antropologia...”. Kant obviamente sempre demonstrou um grande interesse, em especial, pela psicologia empírica, notadamente após os anos de 1778; já quanto à psicologia racional, essa é “destruída” por Kant nos *Paralogismos*, o que sela irreversivelmente a distinção entre a psicologia empírica e racional.

³⁰ Die Metaphysik ist kein organon, sondern Canon der Vernunft, ein Grund nicht der doktrin, sondern disciplin, nicht dogmatischer, sondern critischer Erkenntnis, nicht Erkenntnisse zu vermehren, sondern irrthümer abzuhalten, nicht vom objekt, sondern den regeln des subjekts, nicht die Mutter der religion, sondern ihre Schutzwehr, nicht obiekativen, sondern subiekativen Gebrauchs.”(Refl. 4.865 AA17: ϕ ² S 14)

³¹ Ver: Oliveira, A.R (Tese) A influência de Johann Nicolaus Tetens na dedução transcendental das categorias de Kant, 2019, Unicamp.

Referências

- FABRIZI, C. *Mente e corpo in Kant*, Roma, Aracne, 2008.
- CASSIRER, E. *Kant, vida y doctrina*. Trad. Wenceslau, R. Mexico, Fondo de cultura econômica, 1993.
- KANT, I. *Leçons de métaphysique Kant*, trad. Monique Castillo, Lgf. Paris, 1992.
- KANT, I. *Anuncio do programa de lições para o semestre de inverno de 1765-1766* Trad. Morujão, C., Pereira, A. e Dias, M. Lisboa, ed.70, 2006.
- KANT, I. *Dissertação de 1770 Carta a Marcus Herz*. Trad. Leonel R. e António M. Lisboa, Imprensa Casa da Moeda, 2004.
- KANT, I. *Écrits sur le corps et l'esprit*. Trad. Grégoire C. Paris, Flammarion, 2007.
- KANT, I. *Escritos pré-críticos*. Trad. Jair Barbosa, Joãozinho B., Luciano C., Paulo Licht, Vinicius V. São Paulo, Unesp, 2005.
- KANT, I. *Investigação sobre a clareza dos princípios da Teologia natural e da moral*. Trad. Carlos M., Américo P. e Monica D. Lisboa, Imprensa Casa da Moeda, 2006.
- KANT, I. *O único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*. Trad. Carlos Morujão, Inês B. Inês R. e Joana Q. Lisboa, Imprensa Casa da Moeda, 2004.
- KANT, I. *Dissertationes Latinas de Kant*. Trad. J.D. Garcia, Venezuela, Ed 39, 1974.
- KANT, Immanuel. *Gesammelte Schriften* Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff.
- OLIVEIRA, A.R. *A influência de Johann Nicolaus Tetens na dedução transcendental das categorias de Kant* (TESE), Unicamp, 2019.
- ORLANDO, B. L. *O silêncio de Kant: esboço da analítica transcendental na década de 1770*. Kant-e-prints 2010 pp.14-35.
- PHILONENKO, A. *L'oeuvre de Kant* (I e II Vol), Paris, J.vrin, 1996.
- PUECH, M. *Kant et la causalité*. Paris, Vrin, 1990.
- SAULO, A. *O Manifesto dos filósofos alemães contra a psicologia experimental: introdução, tradução e comentários*, Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.13(2013) pp.298-311.
- SAULO, A. *Psicologia empírica e antropologia no pensamento inicial de Kant*, Kant e-Prints. Campinas, Série 2, v. 9, n. 2, p.27-57 jul.-dez., 2014.
- SAULO, F. A. *Psicologia empírica e antropologia no pensamento crítico de Kant: a década de 1780*, Estudos kantianos, v.3 n°2(2015) pp.141-162.
- TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung*. Bd. 1/2. Leipzig, 1777 (edição consultada Berlin Verlag 1913).
- THEIS, R. *Le Silence de Kant. Etude sur l'évolution de la pensée kantienne entre 1770 et 1781*. In: Revue de métaphysique et morale, 1982. pp. 209-239.
- VLEESCHAUWER, H, J, de. *La Déduction transcendental dans l'oeuvre de Kant* 3vol. Paris, Champion, 1976.
- WOLFF, C. *Philosophia Prima Sive Ontologia, Methodo Scientifica Pertractata, Qua Omnis Cognitionis Humanae Principia Continentur*. EUA, Kessinger, 2009.
- WOLFF, C. *Psychologia Empirica Methodo Scientifica Pertractata*. EUA, Kessinger, 2010.